

**Annette C. Baier. *A Progress of Sentiments: Reflections on Hume's Sentiments*. Cambridge: Harvard University Press, 1991, 333 páginas**

Anice L. Araújo <sup>1</sup>

Alguém pode se perguntar: qual o interesse em se fazer a resenha de um livro que já completou doze anos de sua publicação? A resposta para esta questão é que um livro como *A Progress of Sentiments* de Annette Baier continua, mesmo doze anos depois, atual.

*A Progress of Sentiments*, teve sua primeira edição de 1991 e a segunda em 1994. É um livro que condensa uma leitura crítica e não convencional do *Treatise of Human Nature* de David Hume. Baier nos mostra que no *Treatise* a leitura dos livros posteriores é sempre melhor à luz dos livros anteriores.

Baier se refere a duas possíveis imagens no texto de Hume. A primeira imagem do *Treatise* seria a de um livro formado por três livros diferentes, sendo estes coerentes apenas no objetivo, ou seja, um tratado da natureza humana. Mas é possível uma outra imagem, a imagem proposta por Baier; o *Treatise* seria em sua compreensão um complexo número de idéias que se referem a um ser social analisado por três perspectivas: um sujeito do conhecimento, um sujeito que se relaciona com um outro e, a última, um sujeito que se insere em uma comunidade já constituída de costumes, fortificando assim a sua hipótese referente aos “eus”<sup>2</sup>. Este progresso do *eu* no *Treatise* é destacado por Baier de modo que podemos perceber a compreensão do sujeito humano como extremamente social, um sujeito que desenvolverá suas capacidades em um nível social-passional.

1 Estudante do Departamento de Filosofia da UFMG.

2 No livro I temos *eu* enquanto mente, o livro II trata o *eu* como primeira pessoa do singular e o livro III o trata como primeira pessoa do plural.

A *Progress of Sentiments* inicia-se com o capítulo intitulado “*Philosophy in this careless Manner*”, que trata da conclusão do livro I do *Treatise*. A aposta inicial é que esta conclusão fundamentará a leitura dos livros II e III, e por isso, dedica-se a uma minuciosa descrição dos problemas expostos pelo filósofo, como o ceticismo e a questão da identidade pessoal.

O ceticismo será objetado por Baier principalmente contra Robert Fogelin. Este considera Hume como um cético verdadeiro e Baier, ao contrário, opõe a Fogelin uma análise naturalista de Hume. A proposta naturalista na leitura do *Treatise* mostra que não há um problema da indução, o que levaria a análise cética de Fogelin, mas sim, a experiência salvando o que a razão traiu, ou seja, a indução é na verdade um processo cognitivo de seres humanos, algo que não leva ao ceticismo, já que é uma análise descritiva.

Para Baier, Hume deseja de nove entre suas quinze seções afirmar uma lógica da inferência causal, e isso a leva a pensar em um progresso na busca de normas por parte de Hume. O que quer dizer essa busca de normas? Baier quer nos mostrar que a indicação de um naturalismo de Hume será efetivo no que diz respeito a análise da indução e que será conformado no livro III da moral quando Hume expõe, de acordo com Baier, uma normatização de nossos comportamentos acerca da avaliação moral. Ou seja, o desenvolvimento de normas explica o relato das paixões no livro II e o desenvolvimento do raciocínio causal do livro I. Quando Baier trata de “*Necessity, Nature and Norms*”, confessa que uma das dificuldades da parte III do primeiro livro é a origem da nossa idéia de necessidade causal e Hume nos mostrará que a origem de nossa idéia de necessidade causal provém da inferência após a observação de regularidade, e novamente o progresso é descrito quando esta nos diz que o Livro III “Da Moral” confirmará a teoria da necessidade causal do livro I. A necessidade causal é uma espécie de norma derivada da experiência e corroborada pela linguagem. Esta linguagem é descrita por Hume no livro III e necessária uma vez que sem esta não seríamos capazes de fazermos generalizações, abstrações ou nem mesmo idéias *a priori* das relações. Essa confirmação da linguagem, do ser humano social sobre a necessidade é uma das explicações ‘progressistas’ da visão da Baier. Enfim, reflexões posteriores se desdobram sobre anteriores corroborando-as e estendendo-as.

Este desenvolvimento do naturalismo humeano por parte de Annette Baier será útil para a sua tese de que a crítica a “Identidade Pessoal” não é correta. Em “*Persons and the Wheel of their Passions*” Baier nos mostra que o sentimento enquanto paixão informa quando percebemos nós mesmos e não os outros, como por exemplo, os sentimentos de orgulho e humildade. Nossas

experiências reforçam o nosso conhecimento de nós mesmos no que se refere à Identidade Pessoal.

A parte quatro do livro I do *Treatise* e o Appendix têm sido foco de grandes objeções entre os estudiosos de Hume no que diz respeito a Identidade Pessoal.

Baier nos oferece uma nova interpretação deste tema, nos dizendo que Hume não ignora uma negação do *eu* simples no livro I e, que as pessoas que são objetos de nossas paixões indiretas no livro II são como seres passionais a serem compreendidos como complexos e em mudança. Isto quer dizer que a justificação do *eu* como simples e que permanece não pode ser compreendida, mas sim, a de um *eu* que muda e que é complexo em suas paixões enquanto ser social.

Baier conclui que o *Treatise* é um compêndio que servirá para dizer os limites da razão humana, para dizer que os sentimentos comandam nossas relações e estas seriam como um resultado do avanço humano quando se estabelecem em termos morais.

*A Progress of Sentiments*, portanto, é um ponto de reflexão entre os estudiosos de Hume, um ensinamento de como devemos ler o *Treatise*. As análises da autora sobre os *Sentimentos* confirmam plenamente a interpretação de que seu “progresso” implica em uma visão avançada de um filósofo do século dezoito.